



CRÔNICA, HISTÓRIA E POLÍTICA EM TEMPOS DE DITADURA MILITAR: EMBATES E COMBATES NO CAMPO DA ESCRITA (PE, 1960-1968)¹

Erinaldo Cavalcanti*

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa

ericontadordehistorias@gmail.com

RESUMO: Os discursos e práticas do comunismo como perigo e ameaça foram gestados por diferentes atores em distintos tempos e lugares atendendo a diferentes interesses. A escrita das crônicas jornalísticas foi espaços de disputas e combates na produção de diferentes narrativas sobre as relações poder envolvendo o comunismo e o anticomunismo. Esse artigo analisa um conjunto de crônicas publicado nos jornais da cidade de Caruaru – PE na década de 1960.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; história; política; comunismo

CHRONICLE, HISTORY AND POLITICS IN TIMES OF MILITARY DICTATORSHIP: CLASHES AND COMBATS IN THE WRITING FIELD

ABSTRACT: The discourses and practices of communism as danger and threat were created by different actors at different times and places serving different interests. The writing of the journalistic chronicles was a space of disputes and combats in the production of different narratives about the power relations involving communism and anticommunism. This article analyzes a set of chronicles published in the newspapers of the city of Caruaru - PE in the 1960s.

KEYWORDS: chronic; history; policy; communism

O medo, com sua física,
tanto produz: carcereiros,
edifícios, escritores,

¹ Este artigo é uma versão reescrita de uma parte de um dos capítulos da tese de doutorado em História defendida pela linha de pesquisa Cultura e Memória do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE em 2015.

* Doutor em História pela UFPE e Prof. Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa.

este poema; outras vidas.

Carlos Drummond de Andrade. O medo

INTRODUÇÃO

Na década de 1960 no Brasil, o discurso da ameaça comunista produziu diferentes significados nas relações políticas e sociais nos diversos espaços onde foi praticado. Não foi representado apenas nas reportagens e notas policiais dos jornais de oposição. Não se fez presente apenas nas homilias clericais, nos comícios políticos ou no plenário da Câmara de Vereadores. O discurso do perigo comunista foi produzido também no campo da crônica jornalística.

As crônicas analisadas neste artigo foram publicadas entre os anos de 1960 e 1963 e posteriormente usadas para atender a diferentes interesses durante a ditadura militar. O período em que foram publicadas foi marcado por intensas disputas políticas, nas quais Jânio Quadros foi eleito presidente e logo depois renunciou, foi implantado o parlamentarismo no Brasil e realizado um plebiscito para decidir se o país voltaria ou não ao regime presidencialista. Nesse sentido selecionei algumas crônicas que possibilitam estudar como o discurso da ameaça comunista foi produzido nesse campo literário e publicado nos jornais em circulação em Caruaru², o *Vanguarda*, *A Voz do Agreste* e *A Defesa*.

As crônicas selecionadas trataram de diversos temas. Os cronistas abordaram a importância de evitar que as crianças lessem literatura considerada de esquerda, para não se contaminarem com o comunismo. Também foram comentadas as disputas que envolveram um estudante secundarista quando foi impedido de matricular-se no Colégio Diocesano da cidade por ser considerado comunista, a campanha política para presidente da República, a renúncia de Jânio e a posse de Jango. Foram momentos em que o discurso anticomunista imprimiu o tom da narrativa de muitas crônicas. Essas temáticas possibilitaram analisar como o discurso do perigo comunista esteve presente em distintos momentos e em diferentes disputas vividas naquele período.

² A cidade de Caruaru está localizada a 120 quilômetros da capital Recife.

Os jornais³ em circulação na cidade – aqui analisados – publicaram as crônicas em duas colunas. “Poeira de Estrelas”, assinada por Waldir Rocha, no jornal *A Voz do Agreste*⁴ e “Poeira de Besteiras”, assinada por Dom Casmurro⁵ no jornal *Vanguarda*.⁶ Também analisarei alguns artigos do periódico *A Defesa*⁷ por fazerem referência a temas relacionados às crônicas em análise.⁸

³ Não pretendo me estender nas discussões sobre os jornais como objeto de análise historiográfica, pois para cada um dos periódicos mencionados seria necessário uma tese para estudá-lo. Para uma análise sobre os jornais como objeto de estudo, ver DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006; Da mesma autora, ver *A grande imprensa na primeira metade do século XX*. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. Ver também: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina.(Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

⁴ O jornal *A Voz do Agreste* pertencia ao deputado estadual Adalberto Tabosa de Almeida, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). O jornal, em muitos momentos, abriu espaço para seus colunistas e editores criticarem o crescimento do comunismo em Caruaru e os perigos que representava para a sociedade naquele momento. O próprio Tabosa de Almeida, quando da renúncia de Jânio Quadros, escreveu uma longa matéria defendendo a implantação do parlamentarismo. Nesse sentido a filiação partidária do proprietário do jornal não significava concordância ou apoio a João Goulart.

⁵ Pseudônimo usado pelo autor das crônicas.

⁶ O periódico *Vanguarda* foi fundado em 1º de maio de 1932 por José Carlos Florêncio . No período em estudo mantinha uma linha editorial que demonstrava uma proximidade com as propostas políticas das esquerdas. Em suas páginas encontramos diversos artigos, notas e matérias – além das crônicas – de intelectuais da cidade que, direta ou indiretamente, se manifestavam em defesa do comunismo. Colunistas do jornal como Francisco de Assis Claudino e Henrique de Figueiredo publicaram diversos artigos que foram usados como demonstração de apoio e divulgação do comunismo na cidade, de acordo com os agentes do Dops-PE. Todavia, também encontramos artigos e notas no jornal *Vanguarda* que faziam críticas às ideias comunistas.

⁷ O jornal *A Defesa*, por sua vez, pertencia à Diocese do município de Caruaru, cuja linha editorial manteve uma postura ácida em relação às discussões que envolveram o comunismo. Foi fundado em 5 de junho de 1932 pelo Círculo Católico da cidade . O periódico desfrutava de uma significativa circulação em diversas cidades de Pernambuco, chegando também aos estados de Alagoas, Piauí, Sergipe e Paraíba. Nesse sentido constituiu importante espaço de divulgação e circulação das propostas católicas, bem como das lutas contra o comunismo.

⁸ É importante destacar que as discussões políticas encontradas nos artigos, notas e matérias dos jornais não significaram necessariamente adesão dos periódicos às ideias expostas em suas páginas. Por esse ângulo interpretativo, os trabalhos da pesquisadora Alzira Alves de Abreu sobre a imprensa no período em estudo fornecem importante contribuição. A pesquisadora chama a atenção para o fato de que muitos jornais abriam suas páginas a diferentes concepções políticas também como estratégia para somar dividendos e cobrir gastos, pois recebiam pelas publicações, ou seja, eram também empresas e, como tal, tinham objetivos econômicos, e não apenas políticos. ABREU, Alzira Alves de. **Participação da mídia na queda do regime democrático no Brasil e sua atuação durante o regime militar**: luta pela democracia. Texto apresentado no Seminário Internacional Políticas de la Memoria, Buenos Aires, novembro de 2013, e disponível nos anais do evento. _____. 1964: a imprensa ajudou a derrubar o governo João Goulart. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.

O campo da escrita é marcado por uma constante tensão. O autor pensa no leitor desde as primeiras palavras, como enfatiza Chartier.⁹ Nesse sentido, as palavras encenam em um palco onde precisam criar laços de confiança com o leitor. A representação da escrita precisa, portanto, produzir efeitos de verdade para imprimir legitimidade à sua apresentação. Assim, escrita e leitura bailam juntas nas melodias que criam o mundo, mesmo desempenhando papéis distintos. Não se confundem, mas no palco da representação precisam unir-se, pois a escrita deseja imprimir à leitura o passo da confiabilidade.

As relações entre escrita e leitura, portanto autor e leitor, aparecem muito próximas e de maneira singular no gênero da crônica jornalística. Sendo as crônicas a base documental do presente artigo, algumas discussões são oportunas e necessárias. Machado de Assis escreveu que a principal característica da crônica era tratar de “cousas ínfimas”.¹⁰ A crônica abordaria, assim, as coisas pequenas, os assuntos miúdos que faziam – e fazem – parte do dia a dia das pessoas. Constitui um registro dos temas corriqueiros, até banais, que se encontram na cotidianidade dos atores sociais mais diversos. É marcada pela rapidez e simplicidade narrativa, de acordo com Antonio Candido¹¹. Simplicidade narrativa, entretanto, não significa gênero simples, desprovido de elaboração e cuidado com a narrativa.

Outra característica da crônica, para Machado de Assis, é a cumplicidade entre o autor e o público leitor.¹² O cronista, com a seleção das questões discutidas e a forma de narrá-las, cria uma espécie de confiabilidade com seus leitores. Estabelece laços de reconhecimento entre aquele que narra e os sujeitos a quem se destina a narração. A crônica cria, assim, a possibilidade da construção de códigos compartilhados entre o autor e o leitor.

⁹ Para uma análise detalhada da relação entre escrita e leitura ver CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: _____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2007.

¹⁰ Manassés (Machado de Assis). História de quinze dias. Ilustração Brasileira, 1º de agosto de 1876. Apud CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 9.

¹¹ CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

¹² Ver CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

Nessa perspectiva, o autor da crônica se coloca dentro da dinâmica social da qual ele retira as questões que compõem suas narrativas. Faz parte do cenário, nele se encontra inserido. Trata-se, portanto, de uma leitura do tempo presente, viabilizada pelas lentes do sujeito narrador, que se encontra no fluxo das discussões, dentro dos embates e interesses políticos. Por assim dizer, é um sujeito/autor *de dentro*. Não que seja possível a algum autor se encontrar *de fora*.

A crônica imprime essa condição ao seu autor. Ela é sua assinatura do tempo e do lugar de onde ele narra. Nesse sentido, a crônica não reflete nem espelha alguma realidade. Ela é parte constitutiva do que se considera realidade, na medida em que nomeia, aponta, discute, analisa e transforma. Para tanto, os cronistas recorrem da leveza, da síntese narrativa para conquistar os leitores. Importante destacar também que a crônica não é um gênero estático. Encontra-se em movimento de transformação e se adequa às mais diversas situações, cenários, temáticas abordadas e às especificidades que os próprios autores imprimem às suas crônicas. Portanto, não há como pensar em características permanentes, imutáveis para o gênero, mas distinções e singularidades cambaleantes que ajudam a compor sua tessitura, como ressaltam Sidney Chalhoub, Margarida Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira.

Entre as crônicas localizadas nos jornais de Caruaru, um conjunto delas foi assinado por um pseudônimo. “Poeira de Besteiras” foi assinada por Dom Casmurro, uma alusão do seu autor ao personagem de Machado de Assis. Justamente em Machado encontramos uma explicação para o recurso do pseudônimo. Para o autor de *Dom Casmurro*, “o pseudônimo adequa-se ao assunto e à preocupação da época”.¹³ Coelho Neto, outro cronista brasileiro, afirmava que o pseudônimo “não é bem um disfarce, uma máscara”,¹⁴ constituía-se antes em uma cuidadosa opção narrativa.

AS CRÔNICAS COMO CAMPO DE BATALHA POLÍTICA EM CARUARU: EMBATES E DEBATES

¹³ **Gazeta de Notícias**, 12 de janeiro de 1912. SOUSA, J. Galante de. **Machado de Assis e outros estudos**. Brasília: INL, 1979. Apud CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

¹⁴ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 13.

As crônicas localizadas nos mencionados jornais constituíram-se em espaço de intensos debates sobre os assuntos que estiveram na pauta de discussão e interesse dos jornais e dos autores. Nas crônicas estudadas, o comunismo e o anticomunismo não foram tratados como excecionalidades nem como raridades, tampouco foram os únicos temas abordados por seus autores. Fizeram parte das discussões corriqueiras, dos assuntos cotidianos como tantos outros temas presentes nos textos. Todavia, não sabemos como o público leitor recebia e interpretava aquelas crônicas. Entretanto, elas circularam, foram lidas, discutidas, comentadas e também contestadas, pois alguns articulistas passaram a comentar os conteúdos das crônicas de Dom Casmurro.

No discurso das crônicas, a ameaça comunista não residia apenas no uso de foices, facões, enxadas, invasões a fazendas, ou ainda por inúmeras pessoas ligadas ao comunismo estarem ocupando cargos políticos no Estado, como relatava parte da imprensa escrita que fazia oposição ao comunismo. Nas crônicas, outros perigos eram apresentados em torno do comunismo em Caruaru.

Na coluna “Poeira de Estrelas”, dentre uma variedade de assuntos abordados, o comunismo e o perigo que representava para a população era um dos temas mais recorrentes. O comunismo era narrado como um mal a ser evitado, como um perigo a ser combatido. Era apresentado como uma ameaça que se alastrava, de maneira perigosa, também na escrita e na leitura de livros vendidos em Caruaru na barraca de jornais e revistas Yuri Gagarin.

No dia 5 de fevereiro de 1961, Waldir Rocha, autor da coluna “Poeira de Estrelas” – na crônica intitulada “Eu acuso” –, alertava seus leitores para os inúmeros perigos que ameaçavam os destinos da sociedade não apenas caruaruense. Afirmou que ninguém de bom senso poderia negar que o comunismo caminhava a passos largos para a conquista do mundo. Constituíam-se em forte inimigo, que crescia em velocidade meteórica, superando em número de adeptos o cristianismo, levando em consideração o tempo de existência da crença cristã. Tratava-se, portanto, de um inimigo que não se poderia desprezar. Diante do perigo da situação, perguntava: “Quem são os culpados da penetração do comunismo ateu que visa destruir a igreja de Cristo e a família em nosso país?”¹⁵ e assim fazia uma série de acusações que no seu entender eram responsáveis pelo clima de incerteza e ameaça vivido naquele momento. Por isso acusava

¹⁵ **A Voz do Agreste**, Caruaru, 5 de fevereiro de 1961, p. 5.

os dirigentes de educandários, os literatos da terra e os líderes estudantis esclarecidos, por cruzarem os braços, permitindo que o comunismo tome impulso e contagie os jovens que estão agora despertando para a vida.¹⁶

Waldir Rocha alertava o público para os riscos da leitura dos livros -- por ele considerados subversivos -- que eram vendidos na barraca de jornais e revistas Yuri Gagarin. Entre os autores subversivos que precisavam ser combatidos encontravam-se Jorge Amado e Karl Marx. Mostrava-se indignado e preocupado ao enfatizar que um dos jovens, responsáveis pela barraca, já tinha lido quase todas as obras de Jorge Amado, Karl Marx e uma infinidade de socialistas, além de praticamente tudo que se publicara, até então, em defesa da Revolução Cubana e Fidel Castro, e ainda não tinha nem quatorze anos de idade. Para Waldir Rocha, a literatura subversiva circulava livremente na cidade e adquiria adeptos entre os jovens leitores porque em larga medida as autoridades competentes não investiam na construção de bibliotecas em lugares estratégicos, equipadas com funcionários qualificados e acervo com livros de “sã literatura”, como se referiu.

Como indica o título da crônica “Eu acuso”, o autor, mais que alertar, fazia uma denúncia pública. Nesse sentido, sentenciou: “saibam que o senhor Gregório Bezerra, um dos componentes da choldra de covardes que, nas caladas da noite, assassinou à traição os próprios companheiros, encontra-se em Caruaru, fazendo conferências nos bairros, ‘doutrinando’ o povo. Contra isso nada se faz”.¹⁷

Na mesma edição da crônica “Eu acuso”, encontramos um artigo discutindo a influência da literatura na formação da criança. Intitulado “A criança e a sã literatura”, o artigo destacava a importância da leitura na formação social e cristã dos jovens. Segundo Rubem Prado, autor do artigo, era crucial evitar que os futuros cidadãos fossem contaminados por uma literatura subversiva.¹⁸ Para tanto deveriam “colocar bons livros nas mãos das criancinhas, pois são elas a esperança gloriosa dos dias

¹⁶ **A Voz do Agreste**, Caruaru, 5 de fevereiro de 1961, p. 5.

¹⁷ “Poeira de Estrelas”. **A Voz do Agreste**, Caruaru, 5 de fevereiro de 1961, p. 7.

¹⁸ O artigo foi assinado por Rubem Fernandes Prado. Ele era pastor da Igreja Batista de Caruaru e autor da coluna “Divulgando o Evangelho”, publicada no jornal *A Voz do Agreste*. O artigo demonstrava também que não apenas as lideranças católicas estavam preocupadas com as leituras que acreditavam ser capazes de influenciar a formação das crianças com as ideias comunistas.

porvindouros”.¹⁹ Os livros bons, de acordo com o autor, seriam aqueles que não ensinasse mensagens políticas a favor do comunismo, porque eram contrárias aos ensinamentos cristãos.

Para Rubem Prado, a leitura de *bons livros* era uma das preocupações centrais e princípio fundante na formação social e cristã dos jovens. A literatura, quando imprópria, era uma perigosa arma na destruição dos valores cristãos. Contaminava os jovens e retirava-os do caminho certo, pois uma literatura inadequada desviava os jovens das doutrinas de Cristo, comprometendo seriamente o destino do país. Para o pastor Rubem Prado, se oferecesse boa e sã literatura à criança ter-se-iam homens dignos e capazes de dirigir bem e com sabedoria os destinos da pátria.

As publicações sobre a importância da literatura e seus desdobramentos na política local eram assuntos recorrentes na coluna assinada por Waldir Rocha, que estimulou discussões em outros jornais. Outra coluna de crônicas foi criada no jornal *Vanguarda*, denominada “Poeira de Besteiras”, para se contrapor à coluna “Poeira de Estrelas”.

Waldir Rocha chegou a elogiar a maneira como Dom Casmurro escrevia suas críticas. No entanto, não eram as qualidades ou defeitos literários que ele combatia em seu rival. Era antes a posição política exposta na coluna “Poeira de Besteiras”, com críticas não apenas à literatura, mas principalmente àquelas destinadas a algumas personalidades e lideranças políticas da cidade de Caruaru. Nas crônicas de Dom Casmurro apareciam críticas constantes à ala conservadora da Igreja católica e das demais igrejas também. Em razão disso Waldir Rocha qualificava os escritos da coluna “Poeira de Besteiras” de esquerdistas e, por consequência, Dom Casmurro como elemento comunista na cidade de Caruaru.

O confronto entre as colunas voltava a ser debatido nas crônicas de “Poeira de Estrelas”. Ao comentar o que é um jornal, Waldir Rocha enaltecia as funções que um periódico podia desempenhar na sociedade. Para ele, o jornal era uma espécie de sentinela avançada na defesa dos direitos dos povos; era a voz dos injustiçados, cuja finalidade era “educar o povo e orientá-lo na direção do que é justo e bom para a Pátria e a família”.²⁰ Nesse sentido, afirmou que os jornais de Caruaru não precisavam “das

¹⁹ Divulgando o evangelho: a criança e a sã literatura. **A Voz do Agreste**, Caruaru, 5 de fevereiro de 1961, p. 5.

²⁰ “Poeira de Estrelas”. **A Voz do Agreste**, Caruaru, 19 de março de 1961, p. 7.

críticas pouco construtivas, e às vezes, por demais severas, de Dom Casmurro em sua sessão poeirenta de... besteiras. Ele seria mais útil ao jornalismo da terra se, deixando o anonimato [em] que habilmente se esconde, viesse emprestar sua colaboração à cultura”.²¹ Para ele, as críticas de Dom Casmurro não contribuíam para a construção de uma sociedade coesa e arquitetada nos valores cristãos de pátria e família. Eram, portanto, leituras desviantes desses valores e, assim, poderiam estar influenciando os jovens que iniciavam a vida pelos caminhos da leitura e da escrita.

As crônicas de Dom Casmurro repercutiram de maneira significativa entre os intelectuais da cidade. Na reconstrução mnemônica de seu autor, “Poeira de Besteiras marcou época em Caruaru”.²² Entre os que tinham o hábito da leitura dos semanários de Caruaru, suas crônicas eram uma das mais comentadas nos cafés, bares e bibliotecas. Não apenas suas leituras críticas provocavam questionamentos. Muitos desejavam saber quem era Dom Casmurro.²³

CUIDADO: DOM CASMURRO É COMUNISTA

O autor da coluna “Poeira de Besteiras” teve sua vida alterada também pelas disputas tecidas entre a literatura que ele lia e escrevia e a política. Quando localizei o prontuário funcional do município de Caruaru, no acervo do Dops-PE, no documento intitulado “Relações dos elementos comunistas da cidade de Caruaru”, encontrava-se grifado a lápis o nome dele.²⁴ Em uma das entrevistas, ele relembrou que suas crônicas publicadas nos jornais da década de 1960 – ou até 1964 – lhe trouxeram alguns problemas. Escrevendo críticas literárias para o jornal *Vanguarda*, despertou a admiração de uns e a fúria de outros.

²¹ “Poeira de Estrelas”. **A Voz do Agreste**, Caruaru, 19 de março de 1961, p. 7.

²² Entrevista realizada com Dom Casmurro em Caruaru, em 14 de dezembro de 2011.

²³ Muitos artigos de diferentes articulistas foram publicados no jornal **Vanguarda e A Voz do Agreste** sobre as crônicas de Dom Casmurro e a identidade de seu autor.

²⁴ Após localizá-lo por telefone, marquei um encontro para uma entrevista. Chegando à sua residência, depois dos cumprimentos de praxe e da explanação das razões que me conduziram à sua cidade, ele sugeriu que fizéssemos a entrevista em sua biblioteca. Ao entrar, um ar de admiração – ou inveja, confesso – senti à medida que meus olhos localizavam tantos livros. O sentimento só aumentava à medida que percebia na estante de história – pois ele separa seus inúmeros títulos por área do conhecimento – diversas obras que eu conheci nas disciplinas cursadas no mestrado e no doutorado na UFPE. Para citar alguns autores de sua biblioteca, Michel Foucault, Michel de Certeau, Roger Chartier, Robert Darnton, Paul Ricoeur e tantos outros que ficaria enfadonho citar.

Em seus relatos de memória, ele afirmou que havia em Caruaru algumas pessoas metidas a escritor, mas na verdade não escreviam nada de valor literário. Ele assim lembrou aquelas disputas:

Aqui tinha um sargento metido a literato, a poeta, e criou uma coluna no jornal *A Voz do Agreste* e botou o título “Poeira de Estrelas”. Nessa “Poeira de Estrelas”, ele fazia aquelas crônicas melosas, poesia romântica, com notinhas sociais. E para fazer uma gozação com a coluna “Poeira de Estrelas”, eu criei “Poeira de Besteiras”... “Poeira de Besteiras” era a minha coluna. E nessa coluna eu mandava o sarrafo, esculhambava com todo mundo, coisa até não muito justa. Essa coluna fez época em Caruaru, porque ninguém sabia quem era o autor.²⁵

A escolha do pseudônimo Dom Casmurro era uma estratégia usada pelo autor e tinha relação direta com as experiências por ele vividas. Como leitor assíduo das obras de Machado de Assis, essa escolha instituiu um lugar de fala para o autor da coluna “Poeira de Besteiras”. Nesse sentido, esse recurso tanto caracterizava o gênero da crônica como marcava uma posição nas relações políticas daquele tempo, naquele espaço. Como lembrou em entrevista, “Dom Casmurro fez época em Caruaru”. Ou seja, grafou no tempo suas marcas; se fez presente nas disputas políticas daquele momento, porque muitos desejavam saber quem era ele, publicaram artigos e notas incitando-o a deixar o anonimato. No entanto, o pseudônimo não significava omissão nem disfarce, como apontavam os críticos de Dom Casmurro em Caruaru. Ele se fazia presente por suas críticas abordando temas, às vezes, delicados, como o envolvimento da Igreja católica local na tentativa de dissolução a pedradas de um comício organizado pelos comunistas da cidade. O uso do pseudônimo, nesse sentido, permitiu ao autor das críticas uma maior liberdade de escrita.

Enquanto se manteve presente nas publicações do jornal por meio de pseudônimo, ele não teve aborrecimentos. Um dos últimos artigos que publicou antes de abril de 1964 foi “A criação e o Criador”. Trata-se de um artigo satirizando Nelson Barbalho – autor de vários livros publicados sobre Caruaru²⁶ –, que estava se

²⁵ Entrevista com Dom Casmurro, em Caruaru, em 14 de dezembro de 2011.

²⁶ Nelson Barbalho é considerado por alguns como um dos maiores autores de Caruaru, ao menos em número de títulos publicados. Entre 1968 e 1978 ele publicou dez títulos. *Major Sinval* (1968); *Terra dos Urus* (1970); *Guerras dos mascates* (1972), pela editora local Vanguarda. Em 1972 ele publicou *Caruaru, Caruaru* pela Imprensa Universitária da UFPE; em 1976 pela mesma editora publicou *Major Sinval da Francesa*; em 1974 publicou *País de Caruaru* e *Dicionário da Aguardente* pela CEPE; em 1976, *Caboclos de Urubá* também pela CEPE; em 1978, em colaboração com outros

vangloriando de ser um grande descobridor de talentos literários. Talentos que, segundo Dom Casmurro, inexistiam na “cria e no criador”, pois não se poderia chamar de literatura o que eles produziam.

Nelson Barbalho, por meio de sua coluna “Nel Bar” no jornal *Vanguarda*, apresentava-se como um autor contrário ao comunismo. Nesse sentido, as críticas de Dom Casmurro a Nelson Barbalho foram interpretadas como defesa dos princípios comunistas e seus artigos serviram de prova para incriminá-lo quando foi preso em abril de 1964, conforme consta em seu prontuário individual no acervo do Dops-PE.

Mas as disputas envolvendo Dom Casmurro antecederam aquele artigo. A coluna “Poeira de Besteiras”²⁷ foi durante alguns meses um dos principais motivos de discórdia, de comentários, de publicações, em suma, de debates. No dia 29 de janeiro de 1961 nascia, na página 3 do jornal *Vanguarda*, “Poeira de Besteiras”, assinada por Dom Casmurro. Entre os diversos temas abordados em suas crônicas, ele destinou atenção especial para comentar as publicações dos articulistas locais. Em sua estreia, ele esclareceu a razão daquela coluna: “há tanta coisa interessante no jornalismo caruaruense, e que nós deixamos passar em branca nuvem, que vale apenas ler com mais atenção e comentar, com um pouco de malícia, um pouco de tudo, o que se diz”²⁸. Ele lia os jornais que eram publicados na cidade e comentava em sua coluna. Para ele algumas das publicações nem mereciam uma crítica de tão ruim que era a qualidade literária. O próprio título de sua coluna já se apresentava como uma afronta; uma provocação, pois era nomear de besteiras boa parte do que se publicava nos jornais da cidade.

Havia no jornal *A Defesa* a coluna de crônicas “Agreste”, na qual seu autor fazia breves comentários sobre política internacional, dentro de uma concepção cristã-católica. Capturada pelas lentes de Dom Casmurro, aquela coluna mereceu alguns comentários, temperados com certa ironia, é verdade. Escreveu ele:

Aquele jornal [*A Defesa*] publicou uma “pitoresca nota na qual se afirma que toda campanha sistemática movida contra países que ainda têm colônias, não passa de manobra forjada nos países comunistas”.

autores, publicou *50 anos de catimbó*, pela Editora Cátedra do Rio de Janeiro, e *Caruaru de vila a cidade*.

²⁷ Além dessa coluna, Dom Casmurro também publicou “Ação e Reação”, depois que “Poeira de Besteiras” deixou de ser publicada.

²⁸ *Vanguarda*, Caruaru, 29 de janeiro de 1961, p. 3.

Naturalmente, penso eu, para desmoralizar o mundo Ocidental. Depois de tão judicioso pronunciamento, não me admira que o livro do Pe. Lebret intitulado SUICÍDIO OU SOBREVIVÊNCIA DO OCIDENTE – seja colocado no INDEX como material subversivo.²⁹

Mais do que se contrapor à coluna do jornal diocesano, Dom Casmurro estava contrariando uma posição religiosa católica de combate ao comunismo. Essa não foi a única vez em que seus escritos entraram em rota de colisão com aqueles princípios católicos.

Os leitores e, principalmente, os que eram alvos diretos de suas críticas, desejavam saber quem estava por trás daquelas linhas. Nelson Barbalho publicou um artigo discutindo as críticas de Dom Casmurro, as quais, além de severas, estavam desestimulando os jovens iniciantes nas letras. Apresentou-se como defensor da crítica, mesmo quando o criticado fosse ele mesmo. Afirmou que, inicialmente, houve comentários na cidade que diziam ser Nelson Barbalho o verdadeiro autor, em virtude da repercussão das crônicas. Em outro momento dizia que era Francisco de Assis Claudino, “fichado na polícia como Sissi”, escrevera Nelson Barbalho. Em outros momentos, diziam que Dom Casmurro era Henrique de Figueiredo, advogado e jornalista, também apontado como subversivo comunista³⁰. Em outros, que Dom Casmurro era Antonio Miranda, outro articulista.

Importante destacar como Nelson Barbalho marca um lugar de fala e institui uma posição política. Enfatizou que alguns comentários que circulavam na cidade diziam ser ele o autor das crônicas, pela repercussão que estava tendo a coluna de Dom Casmurro. Ou seja, colocava-se numa posição de escritor importante, cuja produção teria grande repercussão na cidade. Ele também fez questão de mencionar que Francisco de Assis Claudino, um dos suspeitos, de acordo com os boatos, de ser Dom Casmurro, fora fichado e acusado de subversão pela polícia.

Nesse sentido Nelson Barbalho demarcava um espaço e legitimava uma posição política. Diferenciava-se de outros articulistas não apenas por sua produção intelectual, mas pela posição ocupada por alguns, pois eram autores fichados pela polícia. É significativo aquele comentário que associa o nome de um dos articulistas às

²⁹ Vanguarda, Caruaru, 12 de fevereiro de 1961, p. 4.

³⁰ Henrique de Figueiredo era o pai do artista plástico Romero de Figueiredo. Henrique de Figueiredo era um dos principais articulistas do jornal *Vanguarda*, seus artigos quase sempre eram publicados em primeira página.

ações policiais de perseguição aos comunistas. Em 1956 a Secretaria de Segurança Pública do Estado invadiu, fechou e desarticulou inúmeros comitês do Partido Comunista em Pernambuco, prendendo diversas pessoas ligadas ao partido, acusando-as de atividade subversiva. Entre essas pessoas estava Francisco de Assis Claudino.³¹

As críticas publicadas nas crônicas eram interpretadas, quase sempre, como afronta pessoal aos autores, cujos escritos eram comentados na coluna “Poeira de Besteiras”. Não raro atacavam Dom Casmurro, chamando-o de medíocre por não colocar a cara à mostra e assumir sua identidade, se escondendo atrás de um pseudônimo. Talvez em virtude de outros articulistas estarem questionando o porquê daquela coluna e o anonimato do seu autor, na sétima edição da coluna, Dom Casmurro explicou a razão de sua existência.

Nunca tivemos a pretensão de fazer crítica literária, nem construtiva. Longe de nós a vaidade de sentirmos capacitados para missão tão séria e tão espinhosa. Mesmo porque entre nós ainda não há ambiente para se fazer crítica literária. Em torno de que? De poesias esparsas e artigos de jornais. Quando muito pretendíamos apenas comentar, com um pouco de ironia e outro tanto de malícia, o lado cômico da incipiente e insipiente vida literária em Caruaru. [...] Não há razão para desânimo nem motivo para desgosto. Ninguém nasce feito nem “pronto”. É errando que se aprende. Só os presunçosos têm medo da crítica.³²



Importante também destacar que Dom Casmurro se colocava em um lugar de poder e como tal construía uma escrita que o qualificava a discutir a produção de seus pares. E, de acordo com suas crônicas e de seus relatos de memória, a produção literária em Caruaru nos primeiros anos da década de 1960 era rudimentar e embrionária.

As crônicas publicadas na coluna, quando lidas depois de transcorridos mais de cinquenta anos, podem parecer uma simples crítica ironizando a produção literário-jornalística da cidade. Ou mesmo se forem lidas de maneira isolada, podem não demonstrar a complexidade dos significados que elas adquiriram. É necessário analisar aquelas crônicas costurando-as às disputas políticas em que foram produzidas. Uma crítica a um articulista católico ou protestante,³³ uma farpa de ironia usada contra um

³¹ Fundo SSP/DOPS/APEJE. Prontuário Individual número 12.997.

³² Vanguarda, Caruaru, 12 de março de 1961, p. 7.

³³ Na edição de 19 de março de 1961, ele explica que as suas críticas não apagavam as qualidades pessoais dos autores, mas que isso não significava que ele tinha que concordar com os pontos de vista expressos por eles. Dom Casmurro se referia a críticas que ele publicou sobre a coluna do pastor Rubem Prado “Divulgando o Evangelho”.

escritor que se alinhava a uma política de direita, ou um elogio aos artigos de Henrique de Figueiredo, advogado e jornalista considerado pela polícia do Dops um perigoso comunista, ia fazendo parte da trama político-literária em que seu autor era instituído como elemento perigoso. Nesse sentido, a cada crônica, Dom Casmurro estava construindo sua imagem política por meio da escrita. Suas crônicas representavam suas concepções, suas interpretações políticas. Assim, a escrita de Dom Casmurro imprimia sob seu autor a marca do perigo, os signos da ameaça comunista.

Em uma das crônicas, Dom Casmurro comentou que se ele fosse anticomunista escreveria um artigo combatendo as teses marxistas, em vez de combater o comunismo a pedradas como estavam fazendo alguns.³⁴ Talvez estimulado por essa provocação, o autor de “Poeira de Estrelas” tenha aceitado o desafio. Waldir Rocha publicou um artigo, no jornal *Vanguarda*, intitulado “Por que não sou comunista!”³⁵, e mudou o tom do combate que mantinha em suas crônicas ao apresentar o comunismo como antinômico à pátria, à família e a deus. Ao apresentar as razões pelas quais ele não era comunista, enfatizou que não acreditava que o comunismo iria acabar com as desigualdades sociais existentes, como expressavam seus defensores. Para ele, o comunismo se ergueu sob o solo da ilusão quando defendia que, uma vez vitorioso, acabaria com a miséria e a exploração.

Ao discutir parte das relações cotidianas da cidade, em abril de 1961, Dom Casmurro usou sua crônica para comentar as disputas que o estudante e amigo Romero de Figueiredo vivenciou no Colégio Diocesano de Caruaru. As posições políticas do jovem provocaram discussões amplamente comentadas nos jornais locais e não passaram despercebidas dos agentes do Dops. Encontramos no prontuário funcional do município de Caruru o nome de Romero de Figueiredo como um dos agitadores e divulgadores do comunismo na cidade.

Nos relatórios do Dops encontramos os registros sobre Romero de Figueiredo informando que ele era elemento perigosíssimo como agitador. Já tinha sido visto pregando livremente as ideias comunistas em frente à igreja matriz da cidade. Também

³⁴ Dom Casmurro se refere às ações de um grupo de católicos da cidade que se organizou para impedir a realização de um comício organizado pelos comunistas da cidade em defesa da soberania de Cuba.

³⁵ Vanguarda, Caruaru, 19 de abril de 1961, p. 3.

havia sido expulso do Colégio Diocesano, por estar pregando a subversão às crianças desse educandário.³⁶ No entanto, para Dom Casmurro,

Nas condições que foi feita a cabala, não passa de uma grande injustiça. Mas como o diretor é um sujeito “inteligente” (estudou na Europa, sabe grego, latim, filosofia, astrologia, alquimia, quiromancia e outras artimanhas) descobriu razões suficientes para prejudicar o rapaz que não faz a Pascoa todo ano. Os professores não dizem nada, porque também são “inteligentes” e não querem se meter em confusão.³⁷

A crônica constituía uma defesa para o estudante expulso. Após ironizar as qualidades do padre Sebastião Rodrigues – diretor da instituição –, apontou as razões pelas quais o jovem foi impedido de se matricular. Não comungava das práticas católicas daquela instituição e, como forma de puni-lo, o diretor havia se recusado a aceitar a matrícula. Dom Casmurro também se refere às relações de poder entre os professores e o diretor, quando menciona que os mestres também eram inteligentes – entre aspas – e não se posicionavam para não arrumar confusão. Talvez o professor que contrariasse a postura do diretor poderia estar se envolvendo em problemas.

O fato de as crônicas destinarem atenção às coisas miúdas – como defendia Machado de Assis – não significava que os assuntos nelas abordados fossem pequenos em relevância como se fossem de pouca importância. Se as coisas eram miúdas por serem específicas e locais, eram graúdas nos significados que adquiriam porque estavam diretamente relacionadas à vida cotidiana das pessoas, dos leitores. Portanto, as coisas miúdas não estavam desconectadas de um campo de discussão amplo e complexo. Nesse sentido, ao comentar as disputas locais entre o jovem Romero de Figueiredo e o padre diretor da escola, Dom Casmurro apontava os desdobramentos das práticas e discursos que instituíam o comunismo como perigo e ameaça, porque a matrícula foi negada ao estudante em virtude de ele ser identificado como representante e divulgador do comunismo na cidade.

Em sua coluna “Poeira de Estrelas”, Waldir Rocha se dispôs a comentar as disputas que envolveram Romero e o padre diretor do colégio. Intitulada “Apelo ao diretor do Colégio Diocesano”, ele iniciou a crônica com uma citação bíblica: “Porque o

³⁶ Fundo SSP/DOPS/APEJE. Prontuário Funcional de Caruaru, número 29.581.

³⁷ Vanguarda, Caruaru, 9 de abril de 1961, p. 5.

filho do homem veio salvar o que estava perdido. (Mateus, Cap. 18, v. 11)”³⁸. Em seguida destacou que os cubanos de Caruaru – para usar suas palavras – estavam exultantes para se tornarem mártires no regime democrático diante da oportunidade que se apresentava com a possibilidade de Romero de Figueiredo não ser matriculado no mencionado colégio.

Nesse sentido afirmou Waldir Rocha que, diante das obrigações que o diretor do colégio assumiu perante as famílias que mantinham seus filhos naquele educandário, ele não poderia ignorar dentro do colégio as atitudes de pessoas que tramavam contra o regime democrático, repudiavam a Igreja e negavam a Cristo, pois isso “seria prejudicial aos jovens estudantes que se iniciavam na vida”.³⁹ No entanto, defendia que talvez mais prejudicial fosse negar aos jovens transgressores dos valores sagrados das profecias católicas a oportunidade da correção. “Não atiremos à vala comum – enfatizou ele – sem uma chance de recuperação, ‘porque o filho do Homem veio salvar o que estava perdido’, e eles o estão”.⁴⁰ Destacava Waldir Rocha que os comunistas existentes eram poucos e que a Igreja já havia lutado contra inimigos mais poderosos e não pereceu, portanto não seria meia dúzia de jovens inconsequentes que abalaria os pilares dessa instituição, por isso o padre diretor deveria tentar ajudá-los também, mostrando-lhes o caminho da correção.⁴¹

Henrique de Figueiredo – pai de Romero – publicou um artigo no qual comentou que as atitudes do padre se deram em razão de o estudante não concordar com a narrativa bíblica na qual o personagem Josué havia parado o Sol com a mão, como queriam fazer acreditar as autoridades religiosas. Também pelo fato de o estudante discordar que Lázaro – outro personagem bíblico –, na situação cadavérica em que se encontrava, teria voltado à vida para contemplar o Sol. Essas eram as razões, segundo Henrique de Figueiredo, pelas quais o padre se recusava a matricular seu filho no colégio. De acordo com seu artigo, havia um abaixo assinado em mãos do presidente da União dos Estudantes Secundaristas de Caruaru, Epaminondas Bezerra, firmado por quase todos os professores do Colégio Diocesano, atestando o bom comportamento do estudante Romero de Figueiredo. No entanto, esse documento havia sido extraviado

³⁸ **A Voz do Agreste**, Caruaru, 22 de janeiro de 1961, p. 5.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid.

pela professora Maria Laura Monteiro Florência, conforme constava na declaração do presidente daquele órgão estudantil.⁴² Para Henrique de Figueiredo, a postura do padre Sebastião Rodrigues era arbitrária e despótica porque privava o jovem do direito à expressão, conforme constava na Constituição.

O padre Sebastião Rodrigues havia ainda impetrado um mandado de segurança contra o estudante, além de convidá-lo a se transferir para outro estabelecimento de ensino. Na interpretação de Henrique de Figueiredo, tal postura não passava de um eufemismo para maquiagem as ações do religioso ao tentar impedir que o estudante se matriculasse no Colégio Diocesano de Caruaru. O argumento apresentado no mandado de segurança não passava de um amontoado de informações inverídicas e sem sustentação jurídica. Para Henrique de Figueiredo, o “mandado de segurança fixava a intenção criminosa do padre Sebastião Rodrigues em querer criar em torno da personalidade do impetrado uma atmosfera de escândalo e de sensacionalismo”.⁴³

A atitude do padre contra o estudante Romero foi assunto recorrente nos jornais da cidade em mais de uma edição. Nesse sentido, o jornal *A Voz do Agreste* publicou uma nota em defesa do estudante criticando a postura do religioso ao tentar impedir que o jovem se matriculasse no segundo ano do Científico de seu estabelecimento de ensino. De acordo com a nota, intitulada “Arbitrariedade estudantil”, a atitude do prelado era injusta e incidia nos artigos 16 e 121 da Lei Orgânica do Ensino Secundário. A mencionada lei, de acordo com a nota, determinava que atitude semelhante só seria aplicada mediante situação em que o estudante cometesse atos graves infringindo o regimento interno do educandário, seguida de uma avaliação realizada por uma comissão de três membros e presidida por um inspetor federal. Nenhum desses procedimentos tinha ocorrido, e o estudante ainda contava com “um atestado de boa conduta firmado por diversos professores”.⁴⁴

Waldir Rocha voltou a comentar a situação do estudante Romero de Figueiredo em mais uma de suas crônicas. Afirmou que as razões das críticas publicadas por Henrique de Figueiredo ao padre Sebastião Rodrigues residiam no sentimento paterno, que desejava proteger o filho, e por isso foram tão severas. Ele discordava da postura do sacerdote em negar a matrícula ao jovem estudante, mas apontava que, sendo o colégio

⁴² Vanguarda, Caruaru, 4 de junho de 1961, p. 8.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ A Voz do Agreste, Caruaru, 16 de abril de 1961, p. 8.

uma propriedade privada, não poderia deixar de reconhecer o direito do diretor de escolher os alunos para seu educandário. No entanto, acreditava que tudo ia se resolver e “o padre se recordará das palavras do Mestre quando dizia: ‘Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem’”⁴⁵ e por certo ia admitir que o estudante efetuasse sua matrícula.

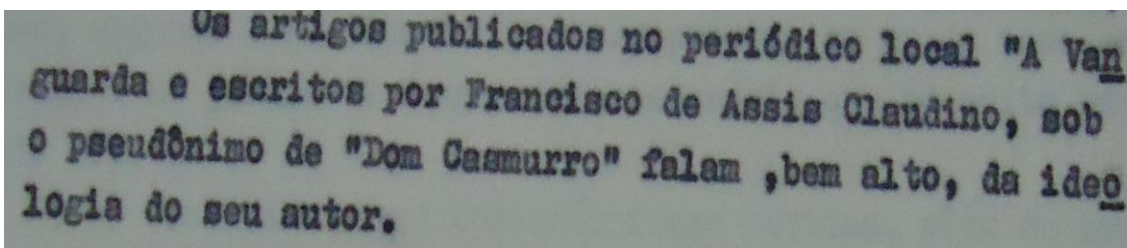
Analisar a construção processual da ameaça comunista, às vezes, implica percorrer um caminho escorregadio, seguir por fendas pouco confiáveis e farejar indícios nos quais, a princípio, não há sinais de evidências, se é que podemos pensar nesses termos. O envolvimento do jovem Romero de Figueiredo com o Colégio Diocesano foi costurado à trama que o envolveu com as disputas políticas da época, que associavam sua imagem às ideias comunistas e, por conseguinte, o instituíam como um sujeito perigoso e agitador comunista, de acordo com os agentes da Secretaria de Segurança Pública do Estado. Ser contrário aos princípios católicos era sinal de desrespeito. Opor-se aos dogmas da bíblia era demonstração de afronta, significava colocar-se em posição antagônica aos valores da religião católica – mas não apenas. Em última instância, significava estar contrário a deus. Esses valores iam sendo mobilizados e passavam a significar os sujeitos que a eles eram associados. Eram indícios utilizados por inúmeras autoridades religiosas e políticas como verdades para imprimir o signo da discórdia, da rebeldia e do ateísmo aos comunistas.⁴⁶

Essas crônicas, como já mencionado, despertaram o interesse de muitas pessoas. A Secretaria de Segurança Pública, ao fazer o levantamento dos antecedentes de Dom Casmurro, assim se referiu nos autos do prontuário individual:⁴⁷

⁴⁵ “Poeira de Estrelas”. A Voz do Agreste, Caruaru, 23 de abril de 1961, p. 7.

⁴⁶ Essas representações que associavam o comunismo a uma imagem antinômica aos valores cristãos foram largamente utilizadas por parte da Igreja católica – mas não apenas por essa instituição – para construir o comunismo como uma força diabólica capaz de destruir os laços sociais edificantes da sociedade à época. Nessa perspectiva, nos aproximamos das discussões da historiadora Carla Simone Rodeghero na obra *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. Para ela, o imaginário anticomunista católico pode ser entendido como “um conjunto de representações construídas e utilizadas por diversos setores da Igreja católica para interpretar a realidade e os problemas vividos pela sociedade como um todo, ou pelas instituições, no período de 1945 a 1964” (p. 28). Deve-se destacar que essas interpretações não ficaram restritas aos membros da Igreja. Encontramos, como venho demonstrando, em articulistas, que, mesmo não sendo membros dessa instituição, percebiam, analisavam e escreviam pelas lentes dessas concepções religiosas.

⁴⁷ Fundo SSP/DOPS/APEJE. Prontuário Individual de número 12.997.



Os artigos publicados no periódico local "A Vanguarda e escritos por Francisco de Assis Claudino, sob o pseudônimo de "Dom Casmurro" falam, bem alto, da ideologia do seu autor.

Nesse sentido, acredito que as crônicas publicadas por Dom Casmurro, ou Francisco de Assis Claudino, podem servir de indícios para pensarmos as diferentes maneiras pelas quais a ameaça comunista foi construída em Caruaru. Suas publicações estimularam outros intelectuais a se posicionarem contra ele e contra o comunismo. Suas crônicas mobilizaram os agentes do Dops e foram usadas como prova do crescimento e disseminação da ameaça comunista em Caruaru. Ameaça não muito visível, quando olhada à distância, ou desconectada dos fios sociais aos quais seu autor costumava as relações políticas. Nos documentos do prontuário aparece, em diversas passagens, a preocupação dos agentes do Dops em imprimir sob Francisco de Assis o signo do perigo, da ameaça, da necessidade de ser combatido, por ele professar uma ideologia considerada perigosa e subversiva.

Uma das testemunhas, em depoimento prestado à Comissão de Investigação Sumária no inquérito movido contra Francisco de Assis, enfatizou que ele era um dos mais atuantes comunistas de Caruaru. Em uma das entrevistas, ele lembrou os desdobramentos do depoimento dessa testemunha.

Teve uma professora que me denunciou aqui. Não sei por que cargas d'água ela resolveu me denunciar, me acusar. Foi testemunha de acusação; isso é o que me lascou. Porque essa professora era do IBAD, mas se fazia de amiga do pessoal de esquerda para colher alguma informação. Foi minha testemunha de acusação; foi quem me lascou, porque ela me considerou "o comunista mais perigoso", me caracterizou como sendo "o líder", "cabeça do movimento", e que eu não aparecia como o mais perigoso para não me prejudicar, mas por baixo dos panos era eu quem manobrava, quem fazia toda a desgraça, o inferno...⁴⁸

O depoimento da professora interferiu no inquérito e deixou marcas nas memórias de Francisco de Assis. Certamente sua reconstrução mnemônica sobre o envolvimento da referida professora foi marcada também pela leitura que ele teve das declarações feitas por essa testemunha no inquérito e por todo o processo de

⁴⁸ Entrevista realizada em Caruaru, em 14 de dezembro de 2011.

ressignificação da memória. De acordo com suas lembranças, reconstruídas no presente quando narrava aquelas experiências em entrevista, o depoimento da referida professora foi um dos fatores decisivos para seu enquadramento como elemento subversivo-comunista, juntamente com as crônicas que ele havia publicado.

A professora-testemunha afirmou ainda que Francisco de Assis a convidou para ingressar no Partido Comunista, o que recusou de imediato. Esse depoimento da testemunha constituía, assim, mais uma prova do envolvimento do investigado com o comunismo, atuando também como doutrinador e recrutador de pessoas para integrar os quadros do Partido Comunista. No entanto, todas as pessoas que foram investigadas pela Comissão de Investigação Sumária foram condenadas por subversão, independentemente das provas arroladas no processo, conforme demonstra a documentação analisada na tese.

Nesse sentido, as ideias de Francisco de Assis podiam figurar como perigosas, portanto temíveis, diante da possibilidade de conquistar adeptos. Suas crônicas podiam se tornar ameaçadoras se conquistassem a simpatia e o interesse do público leitor. Possivelmente temia-se que suas palavras espalhassem a insatisfação ou instigassem a não aceitação das relações como construções cristalizadas e imortalizadas, à semelhança dos descontentamentos do jovem Romero de Figueiredo quando ousou ir de encontro aos ditames de algumas autoridades religiosas. Receava-se que seus escritos pudessem contaminar crianças e jovens em formação.

À GUIA DE CONCLUSÃO

As crônicas – assim como os artigos e as notas – ao discutirem as disputas políticas do momento, ofereciam leituras que direta ou indiretamente se relacionavam com os embates sobre o comunismo. Não necessariamente o conceito de comunismo precisava aparecer escrito nos textos para se fazer presente nas discussões.

Nesse sentido parece-me possível interpretar as crônicas como espaço de disputas, como instrumento que concorreu para produzir um discurso de ameaça, insegurança e incerteza sobre as relações políticas do período em tela. As crônicas que combatiam o comunismo alertavam sobre o perigo de sua infiltração e crescimento na sociedade brasileira da época. Por isso era necessário todo empenho para combatê-lo. Chamavam a atenção para a ameaça que representaria a vitória de candidatos ligados ao

comunismo, por isso a importância do combate como mecanismo de prevenção contra esse inimigo político.

Por outro lado, as crônicas em defesa das propostas políticas das esquerdas também corroboravam com a construção do comunismo como perigo e ameaça. Eram interpretadas como demonstração da presença comunista em Caruaru, que se infiltrava diretamente na vida cotidiana das pessoas. No discurso de seus oponentes, serviam de confirmação para legitimar a presença daquele inimigo político. Uma presença que era atualizada e alimentada frequentemente.

Nesse sentido, entendo que as crônicas em estudo concorreram para a produção da ameaça comunista no período em análise. Foram narrativas gestadas em um cenário de enfrentamentos e disputas que instituía a presença do comunismo na pauta dos debates públicos. Assim, as crônicas constituíram também instrumento de combate político ao comunismo.



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 23/03/2018

PARECER DADO EM: 14/06/2018